

NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE O COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO NO CAMPO SEMÂNTICO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Nanci Cecília de Oliveira Veras¹
Tarcísio Vazin²

Resumo: *A compreensão da linguagem no decorrer do tempo tem trazido diversas possibilidades de estudos referentes aos seus efeitos, no processo de reconhecimento de si e do outro. Assim emergiu a pergunta dessa pesquisa: como o uso de figuras de linguagem em mídia contribuem para a transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais? O resultado apresentado evidenciou a necessidade de que esse campo de estudo seja aprofundado e de que precisam de arcabouço para continuar a elucidar questões quanto à transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais, no contexto da cultura surda.*

Palavras-Chave: pessoa surda e compartilhamento de conhecimento; figura de linguagem e língua brasileira de sinais; semântica e intencionalidade e língua brasileira de sinais.

Abstract: *The understanding of language over time has brought several possibilities for studies regarding its effects, in the process of recognizing oneself and others. This is how the question of this research emerged: how does the use of figures of speech in the media contribute to the transmission of interpretation and translation in Brazilian Sign Language? The result presented highlighted the need for this field of study to be deepened and the need for a framework to continue to elucidate issues regarding the transmission of interpretation and translation in Brazilian Sign Language, in the context of deaf culture.*

Keywords: deaf person and knowledge sharing; figure of speech and Brazilian sign language; semantics and intentionality and Brazilian sign language.

Resumen: *La comprensión del lenguaje a lo largo del tiempo ha traído varias posibilidades de estudios sobre sus efectos, en el proceso de reconocimiento de uno mismo y de los demás. Así surgió la pregunta de esta investigación: ¿cómo contribuye el uso de figuras retóricas en los medios de comunicación para la transmisión de la interpretación y la traducción en la Lengua de Signos Brasileña? El resultado presentado destacó la necesidad de profundizar este campo de estudio y la necesidad de un marco para seguir dilucidando cuestiones relativas a la transmisión de la interpretación y la traducción en la Lengua de Signos Brasileña, en el contexto de la cultura sorda.*

Palabras clave: persona sorda e intercambio de conocimientos; figura retórica y lenguaje de señas brasileño; semántica e intencionalidad y lengua de signos brasileña.

¹ Programa de Pós- Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (PPGEGC) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3212-0181> e-mail: nanciveras@gmail.com

² Programa de Pós- Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (PPGEGC) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8121-3398> e-mail: tarcisiovanzin@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da linguagem no decorrer do tempo tem trazido diversas possibilidades de estudos referentes aos seus efeitos, no processo de reconhecimento de si e do outro. O que contribui “não só nomear/criar/transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu e que poderá vir a existir”, no contato comunicacional entre os usuários nas comunidades em que vivem e se relacionam (Fiorin, 2011, p.11).

Ainda segundo Fiorin (2011, p.12) na Grécia antiga a questão da linguagem tinha como destaque “as relações entre o conceito e a palavra que o designa” e na Idade Média o pensamento sobre a linguagem foi direcionado à ideia de que “a estrutura gramatical das línguas é uma e universal, e que, em consequência, as regras da gramática são independentes das línguas em que se realizam.” Nos séculos XVII e XVIII, o pensamento majoritário continuou integrado à concepção de universalidade das línguas, associado à possibilidade da linguagem se fundamentar na razão, sendo essa associação realizada via projeção imagética cognitiva cujo “os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.” Cabe enfatizar que no século XVI ocorre à expansão marítima, fato que proporcionou aos viajantes contatos linguísticos com vários povos e suas culturas diferenciadas, permitindo aos pesquisadores posteriormente no século XIX embrenharem-se pelo estudo das “línguas vivas, pelo estudo comparativo dos falares, em detrimento de um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem”. O que possibilitou outras percepções e conhecimentos sobre o estudo da linguagem constituída em diversas culturas e suas subjetividades. Considerando que as figuras de linguagem estão intrincadas a subjetividade e valores de cada cultura, emerge a pergunta desta pesquisa: como o uso de figuras de linguagem contribuem para a transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais?

2 TEORIAS DA LINGUAGEM E PERSPECTIVAS NOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM

Tabela 1 – Principais teorias da linguagem

Autor	Pensamento
Skinner	<p>“B. F Skinner. A teoria proposta por ele preocupa-se em explicar os comportamentos observáveis do sujeito, desprezando a análise de outros aspectos da conduta humana como o seu raciocínio, os seus desejos e fantasias, os seus sentimentos. Partindo de uma concepção de ciência que defende a necessidade de medir, comparar, testar, experimentar, prever e controlar eventos de modo a explicar o objeto da investigação, Skinner se propõe a construir uma ciência do comportamento. B. F Skinner. A teoria proposta por ele preocupa-se em explicar os comportamentos observáveis do sujeito, desprezando a análise de outros aspectos da conduta humana como o seu raciocínio, os seus desejos e fantasias, os seus sentimentos.” (Carraro, 2017, p. 55).</p>
Chomsky	<p>“Chomsky, a partir da década de 1950, no contexto norte-americano, deu um novo enfoque aos estudos da linguagem. O cientista passou a descrever a linguagem como um sistema de conhecimentos radicados na mente do falante, o que colocou a linguagem sob o olhar das ciências cognitivas. (Bezerra; Santos; Santana, 2021 p. 234).</p>
Piaget	<p>“A transição do egocentrismo infantil para o pensamento objetivo e lógico, descrita anteriormente, está vinculada à linguagem socializada. Tal linguagem refere-se ao momento em que os diversos conceitos são compartilhados pelos integrantes do grupo, a qual apresenta uma mesma estrutura lógica.” (Dias, 2010, p. 115).</p>
Vygotsky	<p>“De acordo com Vygotsky, a mediação do outro é condição de desenvolvimento, então para o desenvolvimento das funções psicointelectuais que têm uma natureza cultural, as interações sociais são fundamentais.” (Lima, 2023, p. 43).</p>
Finger	<p>“A Psicolinguística é o campo de pesquisa que investiga os fatores psicológicos ou neurobiológicos que tornam o ser humano capaz de adquirir, compreender e usar a linguagem. Em outras palavras, a Psicolinguística investiga a forma como as línguas são adquiridas e de que modo a comunicação através de uma língua oral ou de sinais é produzida e compreendida pelos indivíduos” (Finger, 2016, p. 8).</p>
Virada linguística	<p>A “virada linguística” pode ser definida como uma mudança na concepção da relação entre linguagem e realidade. A primeira passa a ser vista como autônoma, isto é, possui funcionamento próprio em relação à realidade, que por sua vez, já não é mais acessível em si mesma, mas apenas através dos usos da linguagem. Dessa forma, a linguagem já não possui mais uma relação de subordinação em relação à realidade, uma vez que não é mais puro reflexo dela” (Barroso, 2015, p. 171).</p> <p>“Embora saliente outras questões da relação da linguagem com a realidade, Foucault também propõe um novo olhar sobre ela, contribuindo para romper com a concepção na qual a linguagem é derivativa da realidade. Nesse sentido, podemos situar o filósofo francês coaduna, guardando suas especificidades, a o movimento da ‘virada linguística’” (Barroso, 2015, p.173).</p> <p>“O filósofo francês se esforça em demonstrar que os discursos são práticas descontínuas (Foucault, 1986, p. 52), isto é, não são algo pronto para serem decifrados, pois eles próprios são uma “violência” feita contra as coisas e não revelam uma relação direta e natural com o mundo” (Barroso, 2015, p. 173).</p>

Fonte: Gráfico elaborado pela autora, com base (Carraro, 2017); (Bezerra; Santos; Santana, 2021); (Dias, 2010); (Lima, 2023); (Finger, 2016); (Barroso, 2015).

O gráfico acima possibilita visualizar a mudança de perspectiva nos estudos da linguagem, cabendo enfatizar que com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure que considerou a linguagem como heterogênea e diversa, estando em interface com a variedade que “envolve uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como a Psicologia, a Antropologia etc. Saussure destaca, ainda, no campo da linguagem a língua” como “um objeto unificado e suscetível de classificação”, como sendo

“uma parte essencial da linguagem”, que segundo o autor, caracteriza-se como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Fiorin, 2011, p. 14).

Ainda no século XX outro pesquisador, Noam Chomsky, aborda a questão da linguagem pela perspectiva de “um conjunto (finito e infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. O pesquisador ainda comenta que “todas as línguas naturais são, seja na forma falada, seja na escrita, linguagens, no sentido de sua definição”. Entrelaçando o conceito de linguagem e língua e possibilitando entrever que a “linguagem é uma capacidade inata e específica, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana”, Chomsky afirma que a linguagem tem princípios universais e haveria diferenciação entre competência de desempenho, sendo que o mesmo considera que a competência linguística “é a porção do conhecimento do sistema linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças”, enquanto que o desempenho “corresponde ao comportamento linguístico, que resulta não somente da competência linguística do falante, mas também de fatores não linguísticos de ordem variada, como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que dizem, pressupostos sobre as atitudes do interlocutor, etc.”. Já a competência é o “conhecimento linguístico internalizado” (Fiorin, 2011, p. 15).

Porém, na década de 1980, os teóricos George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier deram ênfase a “construção do significado”, ressaltando as “relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística”, no contexto de “uma perspectiva não modular, em que princípios cognitivos gerais são compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, prevendo a interação de estrutura linguística e conteúdo conceptual” e estão além dos princípios linguísticos, abrangendo a ideia de que os princípios cognitivos gerais relacionados à linguagem se entrelaçam com outras disciplinas ampliando a possibilidade de estudos desse campo. (Krebs & Laipelt, 2018, p. 83)

Fiorin (2011, p. 56) também comenta que “a atividade linguística é uma atividade simbólica”, ou seja, produzimos sentidos, significados e significantes àquilo que percebemos e extrapolamos a ideia de nomear seres animados ou inanimados. Através da atividade linguística interpretamos o mundo e nos interpretamos nas diversas relações, criamos conceitos, abstrações que se tornam generalizadas, como por exemplo, o “pôr do sol”, o nascer do sol, ver o arco-íris. Formando das palavras “um sistema autônomo que independente do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa” possibilitando a

visualização da “mesma realidade, a partir de experiências culturais diversas,” e seja “categorizada diferentemente.” Essa diversidade permite que um mesmo acontecimento seja interpretado de formas diferentes e em conexão com os valores culturais dos diversos coletivos.

May (2012) salienta que “na cadeia dos significantes, o sentido insiste, mas nenhum dos significantes remete a significação, lembrando sempre que Lacan dizia que o significante é o que representa o sujeito a outro significante”. Dessa forma, faz-se presente nessa proposição entre significantes uma interpretação diferenciada da apresentada por Saussure. Assim, “ao aceder à linguagem, o sujeito pode comportar-se nela, segundo o regime simbólico, o qual equivaleria a uma relação metafórica com a realidade, ou pode também comportar-se segundo o regime do imaginário”. Enfatizando-se que no campo da linguagem há identificação por ambos os falantes sobre o que está sendo dito, seja um objeto ou algo abstrato, possibilitando a vivência dos efeitos da produção de discursos sobre si.

Observa-se que na percepção de si e do ambiente, os sujeitos conseguem utilizar seus recursos pessoais no intuito de criar e compreender valores socioculturais. A união desses dois componentes possibilita o viver em grupos e dar significado os acontecimentos, aquilo que se vê, escuta, cheira, tasteia e que se sente o gosto, assim como expressar emoções, sentimentos e pensamentos lógico-sequenciais que ocorrem através da constituição do simbólico, do uso de figuras de linguagem, como metáforas e metonímias, visando à explicação de conceitos, de modos de se comunicar no cotidiano. Portanto, o uso de figuras de linguagem está ligado à cultura em que os sujeitos vivem aos valores subjetivos dos diversos grupos e, também, aos sentidos que lhe possibilitam a interação social. (Dias, 2020).

Esse contato ocorre por meio de interpretações advindas do modo como os sujeitos se constituem no mundo e absorvem significados e significantes da cultura em que vivem. Essas interpretações acontecem através de representações que não possuem relação direta entre a “palavra” e a “coisa”, mas que adquirem significados, conceitos e nomes diante do conhecimento anterior do grupo e o compartilhamento desses com aqueles que fazem parte do grupo (Krebs & Laipelt, 2018, p. 82).

Compreende-se que a possibilidade de compartilhamento de conhecimento está também ligada à cognição humana, ao modo como conseguimos nos comunicar com o outro, seja em passar, receber ou interpretar determinada mensagem e essa perspectiva de interpretação que ocorre por meio da comunicação humana que se dá pela possibilidade da “perspectivação conceitual”, ou seja, a conceituação diversa diante de acontecimentos expressos em circunstâncias específicas (Krebs & Laipelt, 2018, p. 82).

Assim, os estudos linguísticos no campo da semântica colaboram na compreensão do modo como os sujeitos estabelecem relações de entendimento referente aos significantes e significados das sentenças linguísticas expressas em variados contextos. A diversidade de significantes e significados está dimensionada na perspectiva da língua em seu uso e tem em si efeitos tanto na relação do sujeito consigo quanto em relação ao outro que a recebe e de ambos no campo subjetivo interlocutório. Estas subjetividades emergem no ato da comunicação e extrapolam os significados no âmbito da semântica dependendo de sua intencionalidade. E para compreender o que a mensagem enuncia, Austin propõe que se inclua a compreensão “ilocucionária dos enunciados” que estão contidos nas expressões linguísticas, possibilitando tanto o conhecimento dos enunciados constativos, quanto os performáticos (Leland & Viotti, 2009, p. 53).

Austin ainda elucida que os enunciados constativos ao descrever um fenômeno se aproximam à situação descrita, porém os enunciados performáticos, embora se tenha também a descrição de acontecimentos, estão constituídos de forma ambígua, possibilitando haver contradição entre o que está sendo dito e seu significado no que se refere aos atos da fala (Austin, 1990, p. 42).

Nesse sentido, a Pragmática, ao abordar estudos referentes aos atos da fala, possibilita a análise de palavras ou sentenças linguísticas no momento em que há a verbalização das mesmas e também há possibilidade de que o acesso do usuário da língua ocorra em diferentes contextos e que traga em si a subjetividade inerente ao grupo ao qual pertence e que influencia o uso da língua de maneira diversificada, compreendendo, portanto, “o estudo do significado sob o ponto de vista do falante”, o seu “significado contextual”, o estudo de “como se diz além daquilo que é dito” assim como “o estudo da expressão da proximidade/distanciamento relativo”. Ou seja, a compreensão da dimensão da pragmática no contexto sociocognitivo e cultural do usuário (Martelotta et al, 2010, p. 89).

Portanto o verbalizar, conversar com o outro e realizar a compreensão linguística possibilita ao usuário utilizar seu processo criativo e também ser intérprete da língua emergindo diversos sentidos na fala, possibilitando dimensionar “em novas bases a relação entre linguagem e conhecimento” (Martelotta et al, 2010, p. 92).

Questões envolvendo juramentos, por exemplo, em que o tom da fala pode indicar se é a confirmação de um ato ou se é um questionamento sobre o ato. Assim, há uma conexão simbólica entre o significado e o significante que possibilita o emergir do signo linguístico, seus conceitos, permitindo uma junção que compõem a simbologia da linguagem. (Searle, 2002, p. 184).

Cabe enfatizar que “tanto o significado, quanto o significante são entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua. Significado e significante são, portanto, entidades mentais”. Desse modo, há uma conexão simbólica entre o significado e o significante, que possibilita o emergir do signo linguístico, seus conceitos, assim, permitindo uma junção que compõe a simbologia da linguagem e inúmeras interpretações nessa relação (Leland & Viotti, 2009, p. 4).

Posto isso, cabe enfatizar que a linguagem faz parte do constructo mental das pessoas e dos coletivos, caracterizando-se de forma subjetiva, envolvendo e sendo envolvida por conhecimentos e processos mentais. Dessa maneira, os estudos no campo da psicolinguística colaboram com a descrição e a análise da compreensão e produção da linguagem dos falantes, trazendo à tona “o reconhecimento dos itens lexicais e para a projeção das propriedades formais e semânticas” das “estruturas hierarquicamente constituídas a partir de um núcleo” (Leitão, 2008, p. 221).

Desse modo, podemos inferir que as estruturas semânticas cognitivas estão ligadas às percepções dos sujeitos, no uso de seus sentidos, permitindo assim a apreensão de conhecimentos de si e do meio em que vivem. Através da percepção de si e do ambiente, os sujeitos conseguem criar e compreender valores socioculturais o que possibilita o viver em grupos e dar significados e significantes aos acontecimentos, àquilo que se vê, escuta, cheira, tasteia, que se sente o gosto, assim como expressar emoções, sentimentos e pensamentos através da constituição do simbólico, do uso de figuras de linguagem visando à explicação de conceitos, de modos de se comunicar no cotidiano. Portanto, o uso de figuras de linguagem está ligado à cultura em que os sujeitos vivem, aos valores subjetivos dos diversos grupos e daquilo que o sujeito diz de si e do outro nos diversos espaços em que participa (Quadros et al, 2013)

O uso das figuras de linguagem ocorre por meio de interpretações do modo como os sujeitos se constituem no mundo, de seus significados e significantes no contexto da sua cultura. Essas interpretações ocorrem através de representações que não possuem relação direta entre a “palavra” e a “coisa”, mas que adquirem significados, conceitos e nomes diante do conhecimento do grupo e o compartilhamento desses com aqueles que fazem parte dele. Essa possibilidade de compartilhamento do conhecimento está ligada ao modo como conseguimos nos comunicar com o outro, seja em passar uma informação ou recebê-la estando implícita a possibilidade de interpretação daquilo que está sendo dito (Krebs & Laipelt, 2018 p. 82).

Nesse sentido, quando estamos no campo da linguagem humana o significante linguístico está imerso de sentidos que emergem devido à interpretação dos usuários referentes aos significados atribuídos a um conceito utilizado pelo usuário da língua. Ao nomearmos um

objeto pela sua forma e utilidade, atribuímos a ele uma série de valores. O objeto “mesa” tem sinais variados para identificá-lo, seja em sua forma seja em seu sentido, embora ocorra um consenso do que seja mesa entre o grupo de usuários que utiliza o conceito (ideia) de mesa. Assim, os estudos linguísticos no campo da semântica colaboram na compreensão de forma diversa possibilitando aos sujeitos estabelecerem relações de entendimento referente aos significados das sentenças linguísticas expressas em variados contextos (Müller & Viotti, 2003, p. 137)

Leland e Viotti (2009 p. 3) enfatizam que “tanto o significado, quanto o significante são entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua. Significado e significante são, portanto, entidades mentais. Usamos os signos para falar sobre coisas no mundo (entre outras coisas!).” Ao falar estamos nos pronunciando ao outro que nos interpreta, que diz sobre nós e “desenrola a cadeia significante que nos determina”, sendo aí no dizer do outro que os significantes se encontram segundo a proposta lacaniana (Nápoli, 2012).

A diversidade dos significantes está dimensionada na perspectiva de uso da língua e tem efeitos tanto na relação do sujeito consigo quanto na relação desses com o outro. Da mesma forma, para além do significado literal há as subjetividades que emergem nos enunciados no ato da comunicação. Para compreender o que o ato da comunicação enuncia, Austin propõe que se inclua a compreensão “ilocucionária dos enunciados” que estão contidos nas expressões linguísticas, possibilitando tanto o conhecimento dos enunciados constativos, quanto os performáticos. Austin esclarece que os enunciados constativos ao descrever um fenômeno se aproximam à situação descrita, porém nos enunciados performáticos há manutenção da descrição de acontecimentos, ações, sendo que elas estão constituídas de forma ambígua, possibilitando haver contradição entre o que está sendo dito, falado e seu significado no que se refere aos atos da fala (Leland & Viotti, 2009, p. 52).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a escrita deste trabalho, realizou-se uma revisão sistemática da literatura com buscas em três bases de dados: Periódicos CAPES, Scielo, Science e leitura bibliográfica com ênfase em leituras referentes à “pessoa surda e compartilhamento de conhecimento”; “figura de linguagem e língua brasileira de sinais”; “semântica e língua brasileira de sinais”.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

A revisão sistemática referente a pergunta dessa pesquisa: como o uso de figuras de linguagem em mídia contribuem para a transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais? Encontrou nos periódicos da CAPES 1 artigo referente a “pessoa surda e compartilhamento de conhecimento”, enquanto na Scielo e Science, não foram encontrados artigos com esta especificidade. No entanto, à palavra-chave “figura de linguagem e língua brasileira de sinais” foram encontrados dez artigos nos periódicos da CAPES, dois artigos na Scielo e não foram encontrados artigos na Science.

A busca referente à “semântica e intencionalidade e língua brasileira de sinais”, não encontrou artigos na CAPES, Scielo e Science. Embora se tenha encontrado uma dezena de artigos que se referem a figura de linguagem e língua brasileira de sinais, a questão da interface com a intencionalidade e semântica, ainda precisa ser aprofundada, pois encontram-se fragmentados que demonstram a necessidade de ampliar o escopo de pesquisa. O que indica a importância de as pesquisas continuarem, pois o desconhecido sobre a temática aponta para o extenso campo do conhecimento e compartilhamento da Língua Brasileira de Sinais. Assim como também a relevância de conectar os estudos com efetivos campos de acessos e permanências das pessoas surdas nos diversos espaços, sejam econômicos e sociais ou quaisquer outros que quiserem estar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo por meio de busca nas plataformas CAPES, Scielo e Science elucidar a pergunta de pesquisa: como o uso de figuras de linguagem em mídia contribuem para a transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais? Para tanto foram coletados dados das três plataformas e leituras bibliográficas para corroborar.

A pesquisa evidenciou a necessidade de que esse campo de estudo seja aprofundado, pois as buscas referentes a “pessoa surda e compartilhamento de conhecimento”, “figura de linguagem e língua brasileira de sinais”, “semântica e intencionalidade e língua brasileira de sinais, foram preambulares e precisam de arcabouço para continuar a elucidar questões quanto a transmissão da interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais, no contexto da cultura surda.

A continuidade do campo de pesquisa poderá contribuir para que o compartilhamento do conhecimento impulse outras pesquisas sobre Língua Brasileira de Sinais e subjetividades que emergem no seu uso colaborando para a robustez do conhecimento científico nesta temática.

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao CNPq pela continuidade da pesquisa científica no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Austin, John I. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: artes médicas.
- Austin, John. L. (1976). *How to do things with words*. 2. Ed. Oxford: oxford university press
- Bezerra, R.F.; Santos, W.J; Santana, W.K.F.(2021). Notas Introdutórias sobre Aquisição da Linguagem nas Bases do Gerativismo. Rev. Verbum, 2021, p.234. PUC-São Paulo
- Barroso, A.V.L.T. (2015). A virada linguística e o contextualismo linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual. Goiás: *Revista de teoria da história*.
- Carraro, P. R. (2016, p.55). Psicologia da educação. Rio de Janeiro: SESES.
- Dias, F. (2010, 115). O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de Revista Letrônica v. 3, n. 2, p. 107-119, dez./2010
- Dias, L. M. M. O Uso de Figuras de Linguagem em Libras na Musicalidade das Traduções de Tom Min Alves. (2020). [trabalho de conclusão de curso]. Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (DALE UFSC).
- Finger, I. (2016, p.8) Aquisição da linguagem, variação linguística e desenvolvimento sociolinguístico: Psicolinguística do Bilinguismo. Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte.
- Hérbrard, P. (2014). *Transformative learning, individual and/or social change: how to come out of a tricky issue?* Communication au colloque organisé par lessee: "interrogating transformative processes in learning and education: an international dialogue, 2014.
- Krebs, L. M.; Laipelt, R.C.F. (2018). Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da Ciência da Informação. *Revisão • Transinformação* 30 (01) • Jan-Apr 2018, p.82,83.
- Lacan, J. (1992). *Seminário: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 8.
- Lapolli, M. (2014). *Visualização do conhecimento por meio de narrativas infográficas na web voltadas para surdos em comunidades de prática*. [tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (EGC UFSC).
- Leitão, M. (2008, p. 221). Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem. In: Martelotta, M. (org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto.
- Leland & Viotti. *Semântica e Pragmática*. (2009, p.4, 52, 53) Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância Ufsc/CCE.
- Lima, N.N.R. (2023, p.43) Interação Social e Desenvolvimento Infantil. Monografia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Martelotta, M. E. (2010). *Manual de linguística*. (org) 1. Ed. São Paulo: contexto.
- May A. P. (2010). Psicanálise e linguagem. Linguagens. *Revista de letras, artes e comunicação*. Blumenau, v. 4, n. 2, p. 258-266.

- Muller, A. Viotti. (2003). semântica formal. In: Fiorin, J.L. (org.). *Introdução à linguística. II princípios de análise*. 1 ed. São Paulo: contexto, v. 2, p. 137-159.
- Nápoli, L. (2012). *Psicanálise em humanês. Por que Lacan disse que o sujeito é o que um significante representa para outro significante?* Acesso online em 08/03/2019 <https://lucasnepoli.com/2012/07/30/por-que-lacan-disse-que-o-sujeito-e-o-que-um-significante-representa-para-outro-significante/>
- Quadros, R. M.; Stumpf, M. R.; Leite, T. A. (2013). *Estudos da língua brasileira de sinais*. Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular.
- Saito, D. S. (2016). *Ambientes de comunidades de prática virtuais como apoio ao desenvolvimento de neologismos terminológicos em língua de sinais*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Santos, N.Martins, O. B.; Medeiros, L. F. (2015). Cognição e aprendizagem situada: da associação à aprendizagem por reestruturação. *Revista intersaberes* v. 10, n. 20, p. 155-203.
- Searle, J. R. (2002). *Expressão e significado: estudos das teorias dos atos de fala*. 2ª. Ed. São Paulo: Martins fontes.